

A cidade no corpo

Diálogos entre corpografia e etnografia

The city within the body: dialogues between bodygraphy and ethnography

Silvana Nascimento



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3316>

DOI: 10.4000/pontourbe.3316

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Silvana Nascimento, « A cidade no corpo », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 dezembro 2016, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3316> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3316

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

A cidade no corpo

Diálogos entre corpografia e etnografia

The city within the body: dialogues between bodygraphy and ethnography

Silvana Nascimento

Ser, eu diria, não é estar *em* um lugar, mas estar *ao longo* de caminhos.

O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se.

Tim Ingold, *Estar Vivo*. 2015.

Prelúdio

- 1 Nos dias de hoje, o corpo se tornou símbolo de lutas políticas, sociais e simbólicas, que pode ser exaltado, agredido, intoxicado por bombas de gás lacrimogênio, encarcerado, e até mesmo vaiado e alvo de “memes”. Corpos estão em evidência nos espaços públicos e estão marcados por posições políticas que devem ser visíveis na paisagem urbana e serem reconhecidas socialmente por meio de práticas corporais, além de diferenças de cor, geração, classe, gênero e orientação sexual. Esta visibilidade espalha-se pelas redes sociais, cujos *selfies* propagam-se compulsivamente nas passeatas e nos passeios.
- 2 Ao longo dos últimos anos, muitas manifestações ocuparam as ruas das principais cidades brasileiras, em movimentos mais penderes para a esquerda outros mais para a direita e mostraram, por meio dos corpos dos(as) manifestantes, quais eram as suas reivindicações. Uma camiseta vermelha pode significar o apoio ao Partido dos Trabalhadores e à (ex)presidenta Dilma, o que acarreta, certas vezes, agressões verbais e físicas em determinados contextos. Uma camiseta verde-amarela [da Confederação Brasileira de Futebol – CBF], que simbolizaria simplesmente torcer para a Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo, hoje pode representar uma posição política e de classe, ainda que algumas vezes com imprecisões e indeterminações.
- 3 A evidência corpórea manifesta nas reivindicações não é novidade e está no centro das contestações políticas dos movimentos feministas já desde o início do século 20, quando a frase “nosso corpo nos pertence” passou a ser mote da luta de mulheres em diferentes partes do mundo, exigindo, antes de mais nada, direito ao próprio corpo (aborto, direitos sexuais e reprodutivos, denúncias por violências sexuais e de gênero etc.). Este mote, por

exemplo, se tornou um dos lemas contemporâneos da Marcha das Vadias, na qual jovens mulheres decidiram problematizar o lugar do corpo feminino no mundo ocidental e colocar em xeque, inclusive, a imagem santificada e moralizada dos seios femininos.

- 4 Esta revelação pública do corpo faz pensar sobre a articulação essencial entre corpo e espaços urbanos para compreender as suas novas ocupações, seus movimentos sociais e políticos, suas circulações e apropriações pelas cidades. Assim, me proponho a pôr em diálogo duas perspectivas teóricas que fazem parte de campos disciplinares distintos: a corpografia e a etnografia.
- 5 A corpografia é um conceito elaborado por Paola Jacques e Fabiana Britto, por meio de referências da Dança e da Arquitetura, com o intuito de construir uma alternativa à ideia de “cidade espetáculo” (Guy Debort, 1997) e ao império dos projetos arquitetônicos nas grandes cidades. Segundo as autoras, este projetos – que produzem cidades-outdoors – não facilitam a circulação de pessoas, não viabilizam a ocupação de espaços públicos para os cidadãos e desencarnam a cidade, descolando-a dos corpos dos sujeitos urbanos. Assim, a corpografia se traduz num modo diferenciado de sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles contemporâneas. Como uma primeira referência corpográfica, Paola Jacques inspira-se nos Parangolés, de Hélio Oiticica, no qual o artista, um dos fundadores do tropicalismo, produz uma obra na qual o participante é seu coautor. A partir de suas experiências na Escola de Samba da Mangueira, Oiticica tira motivação do samba e da arquitetura da favela para produzir uma estética da ginga. Os Parangolés, segundo Jacques, criam a ideia da incorporação da obra no corpo e do corpo na obra que se realiza por meio da dança.
- 6 A etnografia urbana, por sua vez, se constrói na interação entre a experiência vivida e os modelos teóricos na tentativa de compreender as dinâmicas sociais a partir das lógicas produzidas pelas pessoas que fazem a cidade para além dos projetos urbanísticos, dos discursos midiáticos e das políticas institucionais. A etnografia experimenta a cidade “de perto e de dentro”, parafraseando José Guilherme Magnani (2002), e analisa, de forma artesanal, aquilo que as pesquisas de âmbito quantitativo ou macroscópico não podem alcançar: seus moradores, suas redes de sociabilidade e seus estilos de vida. Assim, a etnografia urbana coloca ênfase não sobre os processos de fragmentação, hibridização e caos urbano, mas sobre as malhas tecidas pelos(as) cidadãos(as) em suas trajetórias cotidianas, ou rituais, e reflete sobre os usos sociais do espaço para além dos mapas oficiais.
- 7 De um lado, a corpografia pretende construir uma outra perspectiva sobre as cidades a partir de uma postura política na qual o corpo intervém no espaço urbano por meio de ações artístico-político-culturais, performances e danças que possam questionar as estruturas sedimentadas do espaço público, como ruas, praças, avenidas, passarelas, pontes, muros, automóveis etc. De outro lado, a etnografia pretende produzir um espectro urbano que saia dos lugares comuns (construídos pela mídia, pelas políticas públicas, pelas empresas) e acompanhar os sujeitos urbanos nos movimentos que fazem na cidade. Assim, por exemplo, qual cidade é feita pelos moradores de rua? Qual cidade os skatistas produzem? Qual cidade pode ser ocupada por prostitutas? Qual cidade vivem povos indígenas? Qual cidade é feita por sambistas? Perguntas poderiam ser feitas na forma infinitesimal mas o que me interessa, no fundo, é pensar sobre a relação entre corpo e cidade do ponto de vista etnográfico, à luz das inspirações corpográficas.

A cidade no corpo

- 8 Na antropologia, a relação entre corpo e espaço urbano não tem sido amplamente refletida e discutida. Há, de um lado, uma produção da antropologia do corpo no qual o espaço e o ambiente surgem como um pano de fundo ou cenário e, de outro, a antropologia urbana, no qual corporeidades podem ser pensadas como constitutivas do espaço no sentido de produção de sentidos da cidade e usos dos territórios urbanos.
- 9 Na antropologia urbana, há diversas pesquisas que se voltam para práticas culturais urbanas que podem, de certo modo, articular corporeidades, como *skate*, *parkour*, *street dance*, danças de salão, bailes, práticas esportivas, marcadores da diferença (deficiência, gênero, raça, geração, classe etc.). Contudo, a preocupação teórica está voltada para a compreensão dos sentidos da cidade e seus usos, e não em uma associação direta ou uma coimplicação entre corpo, espaço e cidade.
- 10 Há, especialmente, no campo da arquitetura e da dança, uma notável produção que busca articular corpo e cidade a partir dos textos da arquiteta Paola Jacques e da professora de dança Fabiana Britto, ambas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). As pesquisadoras têm promovido o debate sobre essa temática, de forma criativa, por meio de discussões, artigos, performances e intervenções urbanas, que podem ser conhecidas pelas publicações na Revista Redobra¹ e na Plataforma Corpocidade².
- 11 Richard Sennett é um dos autores que inspiram a coimplicação entre corpo e cidade, dança e arquitetura, de ambas as autoras. Sennett, preocupado em “devolver ao corpo os sentidos” no mundo ocidental, realiza uma análise sócio-histórica, em diferentes cidades, para compreender como a forma dos espaços urbanos resultou em vivências corporais específicas em Atenas, em Roma, em Paris, em Veneza, em Londres e, por fim, em Nova Iorque, ao longo de diferentes momentos da história. O autor elege, nesta obra, imagens coletivas de corpos em distintas cidades ocidentais onde ocorreu algum evento importante, como a construção de um monumento, uma guerra, uma descoberta, para refletir o modo pelo qual as cidades acolheram ou expulsaram os(as) diferentes, os(as) estranhos, os(as) estrangeiros.
- 12 Para Sennett, há uma relação intrínseca entre corpo e espaço que se manifesta a partir de temporalidades e formas de contato que podem ser feitas por aproximações e distanciamentos. Ou seja, carne e pedra se interconectam segundo certas variáveis como projetos arquitetônicos, sistemas econômicos, culturais e políticos, acontecimentos e marcos históricos, entre outros. Esta ligação se refere à capacidade de os espaços urbanos permitirem contatos, movimentos e agências corporais. Sua tese é de que, pelo processo de globalização, as grandes cidades, como Nova Iorque, aboliram o contato corporal e cederam lugar aos automóveis, às redes virtuais, às velocidades do capital. No mundo contemporâneo, o corpo se tornou passivo, perdeu sensibilidade e submeteu-se à dominação capitalista e aos meios de comunicação de massa. A experiência física da velocidade – como o deslocamento através de automóveis, trens, metrô – tornou o espaço urbano um mero lugar de passagem, desconectando-o do corpo. “A condição física do corpo em deslocamento reforça essa sensação de desconexão com o espaço. Em alta velocidade, é difícil prestar atenção na paisagem” (Sennett, 2014, pag. 16). Para o autor, os espaços urbanos perderam seu caráter associativo e não acolhem mais as diferenças, tendendo a causar estranhamento e afastamento ao invés de aproximação.

- 13 Sennett apresenta Atenas como o avesso do que poderíamos observar na contemporaneidade. A cidade grega é um exemplo incorporado (quase perfeito) de carne e pedra, onde era possível visualizar nitidamente uma íntima relação entre corpo e cidade, ainda que as mulheres e os escravos fossem excluídos das formas de ocupação urbana dos cidadãos atenienses. Na Atenas antiga, o corpo cívico era construído a partir de corpos masculinos que interagiam com a arquitetura da cidade por meio da nudez e da prática da palavra. Nos espaços da *Ágora*, do *Partenon* ou da *Colina de Pnix*, os atenienses podiam exercitar os laços de cidadania pela prática de um desnudamento coletivo, misturando carne e pedra, erotismo e cidade. Em diferentes partes da paisagem urbana, os corpos masculinos eram vistos, controlados e desejados. O espaço público era o principal lugar de sociabilidade desses homens que treinavam a prática da oratória e da guerra. Desse modo, o corpo era visto como parte de uma coletividade maior, a *pólis*, criando uma relação metonímica entre a superfície do espaço urbano e a superfície do corpo.
- 14 Essa visibilidade do corpo nu masculino ateniense contrastava com os corpos femininos, que se manifestavam em outros espaços, noturnos e escuros, questionavam essas formas de dominação por meio de rituais como a *Tesmoforia* e a *Adonia*. As teorias fisiológicas da época justificavam os direitos desiguais nos usos dos espaços urbanos. Homens e mulheres possuíam temperaturas corporais diferentes, quentes e frias respectivamente, que se desdobravam em outras características, como força e fragilidade. O calor corporal determinava formas de agir, ver, ouvir, reagir, falar e até mesmo caminhar pelos espaços da *pólis*. Acreditava-se, por exemplo, que os espaços de fala e de debate aqueciam os corpos dos cidadãos. E o que estava relegado às mulheres? Na escuridão das casas frias, Sennett descreve que se produzem estratégias de resistência que recusam a exclusão da *pólis*. Nos rituais da *Tesmoforia*, homenageando a deusa da fertilidade *Demeter* e a morte de sua filha *Perséfone*, as mulheres constroem um espaço de afastamento em relação aos homens e opõem a fertilidade à abstinência sexual. Num processo de inibição dos desejos, constroem um lugar dentro da *pólis* e se engajam num espaço cívico exclusivamente feminino, subterrâneo, frio e escuro. A *Adonia*, por sua vez, constrói um outro lugar que celebra o apetite sexual feminino em homenagem ao deus *Adônis*, que, segundo o mito, era um excelente amante e morreu antes de se tornar pai. Nos telhados das casas, à noite, as mulheres dançam, bebem, cantam e exalam o cheiro da mirra e do sexo ilícito.
- 15 A preocupação de Sennett, ao analisar diferentes relações entre carne e pedra ao longo da história, é de compreender como escapar à passividade e ao sofrimento corporal produzidos pelos processos de segregação socioespaciais na modernidade. O autor propõe imaginar uma cidade multicultural, onde as pessoas respeitariam as diferenças e construiriam espaços urbanos a partir da vivência do Outro. “A história da cidade ocidental registra uma infinidade de batalhas entre essa possibilidade civilizada e o esforço de criar poder e prazer por intermédio de imagens idealizadas de plenitude” (Sennett, 2014, pág. 376). Essa imagem de uma cidade que acolhe os/as diferentes parece estar longe das possibilidades urbanas apresentadas pelo autor, que oferece um projeto político de difícil concretização, talvez, se pensarmos nos contextos latino-americanos, ao sul do mundo ocidental europeu e estadunidense.
- 16 Pela perspectiva etnográfica, talvez pudéssemos escapar da ausência de contato corporal que, no fundo, é produzida por uma certa forma de analisar as cidades e seus espaços e, ao mesmo tempo, um modo de viver na cidade. A decisão propositiva em dialogar, acompanhar, negociar, compreender, respeitar e seguir pessoas e coletivos nas suas

diferentes práticas e trajetórias pelos espaços urbanos produz, necessariamente, uma ruptura do encapsulamento dos muros metropolitanos e, conseqüentemente, uma aproximação corporal. A etnografia urbana, embrenhada nas ruas, parques, festas, casas, lojas, calçadas, barracos, cortiços, bancos, galerias, bairros, ônibus, trens, se faz com o corpo do(a) antropólogo(a) em campo que se apresenta como interlocutor(a) em cidades em que é, ao mesmo tempo, cidadão(a) e pesquisador(a) com uma história própria. A corporeidade está lá desde o primeiro momento em que se decide sair do seu lugar de conforto e percorrer a cidade para produzir um modo de conhecimento situado e depois tecer uma teoria vivida (Peirano, 2008). Isto significa pensar o corpo como sujeito da cultura e não como objeto e, nesse sentido, produzir uma forma de conhecimento incorporada que só faz sentido no e pelo corpo (Csordas, 2008). Mesmo nas selvas de pedra, o corpo não desaparece, ele sempre está lá.

- 17 Paola Jacques (2006) aponta a noção de errância para propor uma reaproximação entre corpo e cidade. A errância urbana pode ser pensada como um estado de corpo ou um estado de espírito que experimenta a cidade a partir de vários sentidos através de caminhadas, deslocamentos e percursos. Esse “tipo urbano” é definido por três características: perder-se, a lentidão e a corporeidade. A ideia da perda tem a ver com uma certa desorientação provocada que se desconecta dos mapas projetados. A lentidão significa a negação da velocidade no mundo contemporâneo mas não necessariamente é o oposto da rapidez, é uma outra forma de movimento que inclui o estar parado. A corporeidade reflete a contaminação corporal entre o corpo físico e do corpo da cidade. “A incorporação, diretamente relacionada com a questão da imanência, seria a própria ação do corpo errante do espaço urbano, através da errância que, assim, oferece uma corporeidade “outra” à cidade” (Jacques, 2006, pag. 125). A partir dessa ideia, a autora busca pensar em outras ações nas cidades que podem ser feitas por artistas e escritores, entre o corpo do cidadão e o corpo urbano errante. Assim, sugere investigar cartografias da experiência do percurso, que escapam do planejamento urbano, situações que acompanham os movimentos de transformação da paisagem. Para isso, ela apresenta, em parceria com Fabiana Britto, o conceito de corpografia que se faz no cruzamento entre a coreografia urbana, como movimento e composição corporal e a cartografia, mapas urbanos apropriados e modificados por seus habitantes.

As corpografias urbanas, que seriam essas cartografias da vida urbana inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam justamente o que o projeto urbano exclui, na medida em que expressam usos e experiências desconsideradas pelo projeto tradicional. Tais corpografias explicitam as micropáticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas que qualificam o espaço urbano, formulando, assim, ambiências (Britto e Jacques, 2012, pág. 153).

- 18 Na corpografia, a cidade está interligada ao corpo como um “conjunto de condições interativas”, nas palavras das autoras. Assim, a cidade se realiza no e pelo corpo por meio de movimentos e gestos que produzem ações no espaço urbano. Essa noção se contrapõe à de cenografia, vinculada a um projeto de espetacularização urbana, onde há uma diminuição da experiência corporal como prática cotidiana, estética e política.
- 19 A corpografia pode ser imaginada na pesquisa que tenho desenvolvido, desde 2008, sobre prostituição travesti no Brasil³. Diferentemente do corpo do cidadão ateniense, o corpo travesti não é visto como a imagem ideal da cidade mas se faz justamente na sua “invisibilidade” na paisagem urbana, nas esquinas escuras, beiras de marginais e estradas, portos. Em 2016, realizamos algumas pesquisas de campo na cidade de São Paulo, especialmente na região do Butantã, área que reúne dezenas de travestis e mulheres

cisgênero atuando na prostituição. No cruzamento de grandes avenidas a interligar o centro e os bairros da zona oeste, elas trabalham nas ruas, todos os dias, em diferentes períodos, de manhã até a madrugada, e ocupam calçadas onde circulam poucos pedestres, a não ser seguranças de residências e de empresas. São áreas onde a circulação é feita, principalmente, por automóvel. A pouca presença de pedestres contrasta com o intenso movimento de prostitutas em certos pontos das calçadas e entram e saem de carros e motéis. Das mais variadas idades, com experiências diversas, com vestimentas e performances corporais distintas, são elas que ocupam os espaços urbanos do bairro e descortinam os supostos vazios ermos das paisagens ocupadas por grandes residências com portões automáticos, guaritas, grades e muros. Corpos para serem vistos para quem deseja vê-los.

- 20 Nos lugares de prostituição, seus corpos se entrelaçam aos espaços urbanos propícios à grande circulação de clientes que, no caso do Butantã, se movimentam principalmente com seus automóveis a entrar e sair pelas avenidas próximas. Assim, as travestis precisam exibir-se, mostrar-se, revelar-se por meio de roupas sexy, caminhadas leves que mostrem suas curvas, olhares, sorrisos, gentilezas. Ou seja, elas estão muito visíveis para quem quer vê-las. São, de certo modo, errantes urbanas, que se apropriam de um território que não foi pensado nem planejado pelos urbanistas e produzem nele práticas autônomas mas não necessariamente alternativas ao modelo capitalista ocidental pois estão profundamente inseridas nos processos sociais e econômicos das cidades.
- 21 Os corpos trans nos mercados do sexo⁴, seguindo, de certo modo, a reflexão das autoras acima citadas, produzem corpografias em movimento, que se fazem num processo de nomadização conduzido por fluxos do desejo, do dinheiro e da construção de si (pessoa-corpo). Não é uma deriva sem propósito, mas uma deriva dirigida, desejada e materializada em corpos-pessoas, bens, afetos e sexo.
- 22 Outro exemplo que pode inspirar o diálogo entre corpografia e etnografia é o livro de Loïc Wacquant (2002) sobre o boxe no gueto negro norte-americano no final dos anos 1980 no qual o autor se propõe a pensar no corpo com instrumento de investigação e como vetor de conhecimento. Para tal intento, coloca seu próprio corpo em cena na sua reflexão e produz uma análise sociológica, etnográfica e literária sobre a cultura cinética do pugilismo. Ao aprender o ofício de boxeador, ao longo de três anos, Wacquant conhece a dinâmica urbana de um bairro periférico negro e, ao mesmo tempo, o processo de construção corporal dos lutadores a partir dos bastidores de uma academia, com seus cheiros, suores, seus gestos, dietas (alimentares e sexuais), emoções e redes de solidariedade.
- 23 A corpografia do pugilista se encontra num investimento diário no seu capital-corpo produzido no cotidiano da academia, dos direcionamentos do treinador, no apoio dos colegas, numa lógica moral e sensual que quer escapar da lógica da rua. “A cabeça está no corpo e o corpo está na cabeça. Boxear é um pouco como jogar xadrez com as tripas” (Wacquant, 2002, pág.274). Para o autor, o *gym* Woodlawn Boys Club, na periferia de Chicago, mostra-se como um refúgio para homens negros numa área de *gentrificação* na qual a construção da cidade se move pela segregação racial. Nesse refúgio, corpo e alma estão intimamente ligados para construção do *habitus* dos lutadores que não necessariamente serão campeões, mas homens de carne e osso que se dedicam a aperfeiçoar seu *sparring*, seu golpe, seu peso, seu corpo, sua relação com o mundo.
- 24 O livro de Wacquant mostra, entre outros *insights*, que a segregação racial em Chicago se traduz numa segregação espacial que produz lugares, como a academia de boxe do velho

Dee Dee, que abriga homens negros, trabalhadores e desempregados, produzindo corpos pugilistas que podem se esquivar dos impactos do mundo da rua. Desse modo, as consequências dos avanços da urbanização e do surgimento de periferias revelam também resistências que, entre os boxeadores, não estão no mundo dos ringues e de seus campeões, que são alvo das coberturas dos meios de comunicação de massa, mas no espaço dos treinamentos e aprendizados diários no galpão do *gym*.

- 25 Se a modernidade cria espaços de segregação social e racial, ela também elabora discursos que são reproduzidos em determinadas narrativas sobre as cidades ocidentais, como demonstra Anne McClintock (2010). A autora demonstra que, desde a Escola de Chicago, a produção de conhecimento sobre a modernidade se faz por meio de um olhar que replica uma lógica de dominação colonial no qual a figura do *flâneur* se camufla por trás da ideia de explorador urbano. O desejo por se perder na multidão e ir em busca do desconhecido nas grandes metrópoles, movimento, por exemplo, que Edgar Allan Poe descreve no conto “O homem na multidão”, mostra, para além de um conhecimento sobre uma certa heterogeneidade cultural no espaço urbano, a produção de uma linguagem da descoberta que aproxima as colônias das classes trabalhadoras. Nesse sentido, a lógica da “exploração” e do “desbravamento de terras virgens” se refaz na produção de conhecimento sobre as cidades e sua diversidade. McClintock mostra que esta lógica se materializa, por exemplo, na fotografia, onde visualizar se torna sinônimo de compreender. Por meio de uma tecnologia panóptica, a fotografia, ao lado das exposições, dos museus, das grandes galerias, desloca a autoridade da linguagem impressa para a linguagem do espetáculo e produz imagens exotizadas sobre pessoas, lugares, paisagens.
- 26 De forma semelhante, David Le Breton também discute a produção de um certo discurso na modernidade que privilegia um único sentido, a visão, em detrimento de outras experiências sensoriais.

O corpo moderno implica o isolamento do sujeito em relação aos outros (uma estrutura social de tipo individualista), em relação ao cosmo (as matérias-primas que compõem o corpo não têm qualquer correspondência em outra parte), e em relação a ele mesmo (ter um corpo, mais do que se o seu corpo) (Le Breton, 2011, pag. 9).

- 27 Segundo o autor, o corpo se descola do sujeito para se tornar objeto do capitalismo que deve ser saudável, jovem e adestrado pelos poderes médico-jurídicos do mundo moderno. Contudo, se adentrarmos pelas brechas e vãos das metrópoles, não necessariamente encontraremos sujeitos totalmente descolados de seus corpos ou de outros sujeitos. Seguindo suas linhas e teias, ficaremos surpresos com inúmeras redes de sociabilidade e de lazer, ocupações do território, práticas inusitadas que pouco refletem, de forma estanque, valores individualistas. Mesmo onde esses valores se manifestam, é preciso atentar para o modo como eles são concebidos a partir das teorias elaboradas pelas próprias pessoas. Pela perspectiva etnográfica, os discursos sobre a modernidade, no fundo, são questionados já que a cidade não é vista como uma unidade em si mesma. Para fazer sentido, a cidade precisa ser continuamente produzida e vivida pelos seus moradores.

O corpo na cidade

- 28 Mesmo que a ideia de corpografia esteja elaborada a partir de um enfoque político que contrasta com a imagem da cidade-espetáculo e deva estar situada histórica e

teoricamente, ela contribui para *sentir* a cidade ao invés de *ver* a cidade. Podemos sentir a cidade com os ouvidos, com os sons, com os cheiros, com as mãos, com os pés, com os desejos. Pessoas cegas, por exemplo, conhecem a cidade a partir de outras referências além da visão feita com os olhos, como demonstra o documentário “Janela da Alma”, de João Jardim e Walter Carvalho, ao apresentar diferentes versões sobre o que é a visão a partir de pessoas que possuem algum tipo de deficiência visual: cegueira, miopia, hipermetropia, estrabismo.

- 29 A cidade também pode ser experimentada por meio de outros sentidos e visões, como no caso de pessoas surdas. Pesquisas do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo acompanharam o circuito surdo na cidade de São Paulo e notaram que ele possui um amplo alcance no espaço urbano que passa por relações familiares e de amizade, além de instituições, escolas e movimentos da sociedade civil organizada. Cibele Assensio (2015), por exemplo, acompanhou ativistas da comunidade surda paulistana, que atuam na constituição de um campo político para a implantação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no sistema educacional brasileiro e da possibilidade de fortalecimento de uma cultura surda, com uma língua própria. Essa cultura, segundo Assensio, tem sido reivindicada por meio especialmente de uma língua em comum que se expressa por uma corporalidade própria e uma certa forma de estar no mundo.
- 30 O campo da “deficiência” mostra-se de amplo rendimento para se pensar os usos dos espaços urbanos e para diferentes modos de sentir a cidade. De um lado, há um importante debate a respeito da construção de políticas públicas e da acessibilidade. De outro, há práticas e estratégias que são realizadas pelas pessoas com deficiência que incluem formas específicas de circulação e conhecimento dos lugares. Além disso, existem artistas, dançarinos e atores que falam sobre sua condição nas suas performances e intervenções artísticas, como o artista baiano Edu Oliveira⁵, que em seu espetáculo “O Corpo Perturbador” provoca os espectadores a sair da perspectiva do bipedismo e pensar em caminhar pela cidade sem usar suas pernas ou utilizando-as de outro modo.
- 31 Outros usos dos espaços urbanos que se fazem por meio do corpo, e com o corpo, são, por exemplo, as práticas de *parkour* e de *skate*. A pesquisa de Rafael Adriano Marques (2010) mostra a criação de um espaço lúdico que se faz pelos praticantes do *parkour* em São Paulo que o tornam mais do que um simples esporte mas uma forma particular em lidar com os equipamentos urbanos e com a cidade. A cidade lúdica do *parkour*, segundo Marques, questiona a uniformização produzida pelo discurso da modernidade e pela imagem do corpo passivo descrito por Richard Sennett.
- 32 Paralelamente ao *parkour*, os(as) skatistas adeptos do *street skate*, como demonstra a pesquisa de Giancarlo Machado (2012), usam equipamentos urbanos por diferentes lugares que não estavam necessariamente planejados para esta prática que se realiza a partir de um objeto específico, o *skate*, e depende das formas que a cidade vai adquirindo ao longo do tempo e que são propícias (ou não) para os *pícos*. Machado mostra que a Avenida Paulista é um espaço de grande circulação de skatistas que ocupam, de forma efêmera, lugares como escadarias de bancos, corrimões, quinas de calçadas. A ocupação dos espaços urbanos depende das possibilidades de *pícos*, que incluem pisos específicos, construídos com determinados tipos de materiais, e suas texturas. Desse modo, pode-se afirmar que há uma relação próxima entre o *skate*, o corpo do skatista e o corpo da cidade desenhando uma certa corpografia que inclui objetos e materiais.

- 33 Para compreender a relação entre corpo e cidade, assim, não basta ver cidade de um único ponto de vista. É preciso percorrê-la caminhando (com os pés, com uma cadeira de rodas, com um cão guia), em um *skate*, uma bicicleta, um caminhão ou um automóvel. É preciso descobrir seus muros e passar por cima deles, por uma manobra de *parkour*, ou escrever em cima deles, carimbando-os com um pixo, ou viver entre muros, para se proteger das adversidades da experiência urbana.
- 34 Tim Ingold mostra que a percepção do ambiente se transforma quando nos movemos, o que significa que os diferentes modos de locomoção pela cidade produzem “conhecimentos ambulatórios”, como o caminhar, o estar em repouso, estar em movimento, o sentar etc. Ingold afirma que, no mundo ocidental, o uso dos sapatos e das cadeiras estabeleceram uma separação entre o pensamento da ação e a mente do corpo, o que nos impede de pensar com os pés. “É como se, para os habitantes da metrópole, o mundo de seus pensamentos, seus sonhos e suas relações com os outros flutuasse como uma miragem acima da estrada em que pisam em sua vida material real” (Ingold, 2015, pág. 78). Para o autor, essa separação entre mente e corpo, entre cabeça e pés, resulta de uma tradição ocidental de valorizar os sentidos da visão e da audição em detrimento do tato. Ele sugere, assim, resgatar uma cultura do chão, restaurando o equilíbrio dos sentidos, estimulando o tato podal, para que possamos ver o mundo a partir dos pés, sem os calçados que os oprimem.
- Da minha parte eu me pergunto como pode haver uma história cultural das técnicas corporais quando a tecnologia do calçado já está implicada nas nossas ideias mesmas do corpo, na sua evolução e no seu desenvolvimento. Botas e sapatos apoiam nossas noções estabelecidas de corpo e evolução, assim como a escrita suporta nossas noções de ciência e de história” (Ingold, 2015, pag. 94).
- 35 Na perspectiva de Ingold, a abordagem antropológica deve ter uma percepção “literalmente aterrada” e “culturalmente escavada” para realmente compreender como, em dado momento da história da humanidade, deixamos de lado a cultura do chão e a presença aterrada de estar no mundo. Essa presença se faz, como aponta a epígrafe deste ensaio, nos caminhos e nos movimentos.
- 36 Nesse sentido, os caminhos nos apontam algumas direções. Uma delas é a possibilidade do diálogo entre linhas teóricas e disciplinares distintas, que nos provocam a sair da nossa zona de conforto e nos permitem pensar com outros olhos, ou a olhar com os ouvidos, a pensar com os pés, a nos deslocar a partir do corpo na sua plenitude.
- 37 Ademais, o diálogo entre corpografia e etnografia pode oferecer interessantes conexões para se pensar em distintas experiências urbanas nas quais o corpo possui uma centralidade. Essa interlocução não deve assumir a noção de corpo moderno, a luz de Le Breton, como a única para compreender as dinâmicas urbanas. O corpo sempre está lá e começa pelo corpo do(a) etnógrafo(a) em campo. Pela corpografia, reintegramos o corpo ao espaço da cidade. Pela etnografia, a partir do prisma corpográfico, produzimos um conhecimento encarnado que se engaja na aproximação entre diversas versões sobre a vida nas cidades. E, assim, aprendemos continuamente a ver e sentir a cidade sob novos ângulos ou, nas palavras de José Saramago em “Janela da Alma”, “para conhecer as coisas, há que dar a volta toda”.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Miguel Vale. 2004. "O corpo na teoria antropológica". *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 33, pp. 49-66.
- ASSENSIO, Cibele. 2015. *Comunidade surda: notas sobre categorias, lideranças e tensões*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/USP, São Paulo.
- BRITTO, Fabiana e JACQUES, Paola. 2012. *Corpo e cidade – coimplicações em processo*. Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez.
- CSORDAS, Thomas. 2008. "A corporeidade como um paradigma para a Antropologia". In: *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- DEBORD, Guy. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes.
- JACQUES, Paola. 2006. "Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade" in JEUDY, H. e JACQUES, P. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA.
- KULICK, Don. 2008. *Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- LE BRETON, David. 2012. *Antropologia do corpo e da modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. 2012. "Skate na cidade, imagens da cidade". *Ponto Urbe* [Online], 10, consultado em 19 Dezembro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/305> ; DOI : 10.4000/pontourbe.305
- MAGNANI, José Guilherme. 2002. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n.49.
----- 2012. *Da periferia ao centro*. São Paulo: Terceiro Nome.
- MAGNANI, José Guilherme e TORRES, Lilian. 1996. *Na metrópole – textos de antropologia urbana*, São Paulo: Edusp/Fapesp.
- MALUF, Sônia. 2001. "Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas". *Revista Esboços*, v.9, pp. 87-101.
- MARQUES, Rafael Adriano. 2010. *Cidade lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de parkour em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MAUSS, Marcel. 2003. "As técnicas corporais". *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify.
- MCCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro imperial - raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora Unicamp.
- MOIRA, Amara. 2016. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora.
- PEIRANO, Marisa. 2008. "Etnografia ou a teoria vivida". *Revista Ponto Urbe*, n.2, São Paulo: Núcleo de Antropologia Urbana/Nau <http://pontourbe.revues.org/1890>

POE, Edgar Allan. 1991. "O homem na multidão". *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Círculo do Livro.

SENNETT, Richard. 2014. *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*. BestBolso: Rio de Janeiro.

WACQUANT, L. 2002. *Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

NOTAS

1. <http://www.redobra.ufba.br>
 2. <http://www.corpocidade.dan.ufba.br>
 3. Pesquisa atualmente financiada pela Fapesp, cujo propósito é compreender os usos e sentidos de cidade para travestis e transexuais em diferentes regiões do Brasil: na região metropolitana de João Pessoa, na Paraíba, na tríplice fronteira do Alto Solimões, na Amazônia e na cidade de São Paulo, no sudeste.
 4. Para pensar em mercado, aproximo-me da definição de Adriana Piscitelli como "intercâmbio de bens materiais e simbólicos, que remete a uma noção de economia em termos amplos, constituída por trocas entranhadas no social, à maneira das formulações de Bourdieu" (Piscitelli, 2013, pág. 30).
 5. Um dos principais interlocutores da pesquisa de doutorado em Ciências Sociais pela Unicamp, realizada atualmente por Claudio Leite Leandro.
-

RESUMOS

Este ensaio pretende pôr em diálogo duas perspectivas teóricas distintas – a corpografia e etnografia – e refletir sobre as possibilidades de articulação entre corpo e cidade nas paisagens urbanas contemporâneas. Para isso, o texto apresenta alguns exemplos etnográficos em cidades brasileiras e traz para a reflexão antropológica enfoques teóricos e experimentais que procurem pensar o corpo no espaço urbano de forma criativa.

This essay aims to enage two theoretical perspectives – the bodygraphy and the ethnography – and thinks about the relation between body and city in contemporary urban landscape. Therefore, this text introduces some ethnographics examples in brazilian cities and presentes some experimental and theoretical approaches to anthropology, seeking to embodied the urban space creatively.

ÍNDICE

Keywords: bodygraphy, ethnography, body, city

Palavras-chave: corpografia, etnografia, corpo, cidade

AUTOR

SILVANA NASCIMENTO

Profa. Dra. do Departamento de Antropologia da USP e co-coordenadora do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU/USP)